



FL·UC/1911·2011

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Numa conjuntura diante da qual pesa a difícil situação do país e, em particular, a da vida universitária, a Direção da Faculdade de Letras decidiu que a medida promulgada pelo Governo Provisório da República, que levou à metamorfose da velha Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra em Faculdade de Letras, por lei de 19 de Abril de 1910, não fosse ignorada por aqueles que hoje a frequentam e nela ensinam e investigam. Coube-me a honra de coordenar essas comemorações, celebradas com poucos recursos, mas com a finalidade de lembrar que, herdeira de saberes, estudos e conhecimentos que remontam à própria criação dos Estudos Gerais, a Faculdade de Letras, que então foi institucionalizada, colheu o legado da Faculdade de Teologia – que assumidamente veio substituir – e, também, o das Artes, um e outro tão antigos como a própria Universidade de Coimbra. Porém, se o incentivo à perspectiva histórica se impunha, igualmente se pretendeu fomentar a análise do seu período de vida a partir de 1911, até se chegar ao grande debate contemporâneo acerca do lugar das ciências humanas e sociais na era da hegemonia da técnica e da imediata rentabilidade do conhecimento. Logicamente, a *Biblos*, como revista da Faculdade, não podia ficar alheia a este projeto.

Ora, uma rápida comparação entre aos cursos atualmente oferecidos pela Faculdade e os da sua matriz desaconselhou que, na estrutura do número a publicar e nas iniciativas que lhe serviriam de suporte, se optasse por uma via histórico-genética de abordagem, método que as várias reformas curriculares e de gestão, que foram decretadas nestes 100 anos e, em particular, nas últimas décadas, tornaram ainda mais inapropriado. Assim, a fragmentação surgiu como uma consequência inevitável, o que não significa que o ciclo de conferências que, no essencial, forneceu o conteúdo do que agora se publica não tivesse uma ideia norteadora.

Conscientes da impossibilidade de tratar monograficamente as evoluções e ruturas que deram corpo aos múltiplos saberes transmitidos pela Faculdade, contou-se com a boa vontade dos que, solidariamente, se mostraram disponíveis para aceitarem um desafio assente numa certeza, amiúde reafirmada pela própria instituição: independentemente de nomenclaturas, o seu campo de estudos teve sempre a ver com o que melhor define a humanidade do homem – a sua capacidade de comunicar, de criar, de se interrogar e de interrogar, porque, como ser dotado de palavra, ele pode intuir, sentir e representar o tempo, bem como abrir-se ao outro e ao meio ambiente (realidade que, se o condiciona, ele também transforma). Daí que uma boa parte dos artigos que compõem este número remeta para um pano de fundo em que coabitam a Filologia, a Filosofia, a História e a Geografia, coexistência que já continha a “gramática” essencial da argumentação que, hoje, mais do que nunca, tem de ser convocada para se continuar a defender que todas as ciências são, em última análise, ciências do homem.

Por tudo isto, o que agora se apresenta somente visa fixar, pela escrita, contributos que poderiam cair no efémero tão característico de muitas festas comemorativas. Não se desconhece, contudo, que o número contém lacunas, algumas inesperadas e outras difíceis de preencher. Seja como for, também se tem a consciência que os seus artigos nos trazem um melhor conhecimento de um passado que, com as suas luzes, mas também com as suas sombras, nos pode ajudar a interpelar, criticamente, o sentido do futuro.

Fernando Catroga